

CLUB ATHLETICO MINEIRO X SOCIETÁ SPORTIVA PALESTRA ITALIA: INDÍCIOS DO NASCEDOURO DE UMA RIVALIDADE CENTENÁRIA

Rogério Othon Teixeira Alves¹

Resumo: Este estudo analisa indícios da origem da rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália. Para além, pondera o contexto histórico do período de suas fundações, 1908 e 1921, respectivamente. Caracteriza os aspectos que os diferenciavam; discute a história dos primeiros jogos trazidas nos periódicos; identifica os primeiros sinais da ascensão do Palestra como futuro maior rival do Atlético Mineiro. O recorte temporal, para pesquisa em periódicos de Belo Horizonte e memorialistas, foi de 1921 até 1925, totalizando oito jogos. Observou-se que cem anos após a primeira partida, este clássico de Belo Horizonte teve nos primeiros jogos os indícios que podem ser observados em 2021.

Palavras-chave: Atlético Mineiro; Palestra Itália; história.

Club Athletico Mineiro X Societá Sportiva Palestra Italia: signs of the birth of a century-old rivalry

Abstract: This study analyzes evidence of the origin of the rivalry between Atlético Mineiro and Palestra Itália. In addition, it considers the historical context of the period of its foundations, 1908 and 1921, respectively. It characterizes the aspects that differentiated them; discusses the history of the first games brought in the periodicals; identifies the first signs of Palestra rise as Atlético Mineiro future greatest rival. The time frame, for research in Belo Horizonte journals and memorialists, was from 1921 to 1925, totaling eight games. It was observed that a hundred years after the first game, this Belo Horizonte classic had in the first games the signs that can be observed in 2021.

Keywords: Atlético Mineiro; Palestra Itália; history.

Club Athletico Mineiro X Societá Sportiva Palestra Italia: signos del nacimiento de una rivalidad centenaria

Resumen: Este estudio analiza evidencias del origen de la rivalidad entre Atlético Mineiro y Palestra Itália. Además, considera el contexto histórico del período de sus fundaciones, 1908 y 1921, respectivamente. Caracteriza los aspectos que los diferenciaron; analiza la historia de los primeros juegos introducidos en las revistas; identifica las primeras señales del ascenso de Palestra como el futuro gran rival del Atlético Mineiro. El período de tiempo para la investigación en las revistas y los conmemorativos de Belo Horizonte fue de 1921 a 1925, con un total de ocho juegos. Se observó que cien años después del primer juego, este clásico de Belo Horizonte tuvo en los primeros juegos las señales que se pueden observar en 2021.

Palabras-clave: Atlético Mineiro; Palestra Itália; historia.

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; Montes Claros-MG; Brasil. E-mail: rogerioothon@gmail.com.

Introdução

A ideia deste artigo nasceu de leituras desinteressadas de páginas de futebol na internet em plena pandemia de Covid-19 e distanciamento social prescrito aos brasileiros no ano de 2020. Numa dada página virtual, a reportagem provocava alguns *blogueiros*, questionando qual era o jogo de maior rivalidade no país. Dos comentários gerados, foi fácil perceber que, o que menos importavam eram os argumentos rebuscados dos especialistas da matéria, visto que, esse tipo de discussão aflora os sentimentos de pertencimento clubístico e, no fim, as opiniões se preocupavam mais em atacar e provocar o outro do que defender o seu time de preferência.

Procurando agir menos obliquamente, e também entendendo o quão grande é a “paixão” pelo futebol, possivelmente, as atitudes provocadas pelo torcer são uns dos argumentos que justificam o interesse acadêmico pelos temas oriundos desse meio esportivo.

No Brasil e em tantos países, o futebol é uma das atividades mais celebradas no tempo de lazer de milhões de pessoas. Além disso, a torcida por um determinado clube possibilita uma série de interações entre os mais diferentes indivíduos, que, através do futebol, constroem identidades e fortalecem vínculos uns com os outros (ALVES, SOUZA NETO e LADISLAU, 2019, p.385).

O futebol, entendido como um dos aspectos sociais definidores da identidade brasileira, tornou-se tema recorrente de estudos acadêmicos. Num universo mais específico, diversos autores brasileiros já se debruçaram em trabalhos que analisaram o pertencimento clubístico e a rivalidade entre times de futebol do país, notadamente concentrados nos estudos do lazer, históricos e sociológicos.²

Em cada região brasileira há equipes que polarizam o torcer. As rivalidades, não necessariamente acontecem entre equipes locais, ou seja, times de outros estados invadem a preferência clubística de pessoas de variadas partes do país. Nesse aspecto, Silva e Alves (2018, p. 158) observam que: “[...] uma generalização do significado do futebol, num país de dimensões territoriais tão amplas como o Brasil, suscita sentidos e variações próprias de cada região, por vezes, tão distantes e diferentes”. Enfim, há significados regionais peculiares no tocante ao futebol no Brasil e no Mundo.

Considerando apenas o estado de Minas Gerais, nota-se que, atualmente, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube³ são os times mais populares e os que possuem maiores torcidas e, por consequência, tornaram-se os maiores rivais. Em função dessa história, o ano de 2021 tornou simbólico, devido ao centenário de fundação do Palestra Itália e o centenário da primeira partida disputada entre ambos. Finalmente, para justificar o investimento neste debate cotidiano, sobre este embate esportivo,

² Entre os estudos destacamos: Damo (2002); Gastaldo (2005); Alves (2013); Origuela (2013); Souza Neto (2010), Hollanda e Negreiros (2015); Abrantes (2015).

³ Importante frisar que o Cruzeiro Esporte Clube foi fundado como Palestra Itália, tema que ainda será abordado no artigo.

é possível afirmar que “[...] essas equipes protagonizam os maiores eventos futebolísticos da capital mineira, Belo Horizonte e também em muitas cidades do interior” (ALVES, SOUZA NETO e LADISLAU, 2019, p. 385-386).

Atlético e Cruzeiro estão sediados em Belo Horizonte, cidade planejada e construída no final do século XIX, com a suposta obrigação de ser moderna e simbolizar um novo modo de vida no Brasil (PASSOS, 2016; RODRIGUES, 2016). Nesse projeto de modernidade, o futebol, dentre outros esportes, uma atividade moderna importada da Europa, seria um dos símbolos do almejado *modus vivendi* europeu.

Sobre a relação esporte/Belo Horizonte, Abrantes (2015, p. 125) afirma:

O esporte sempre foi tido como uma prática que contribui para essa aproximação ao ideal objetivado na construção de Belo Horizonte. Prática esta que propicia o reencontro e reafirma um *ethos* moderno, muitas vezes, recorrente nos discursos políticos e da mídia local.

A partir do interesse acadêmico que a história destes clubes provoca, este estudo investigou os indícios da origem da rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália, entre 1921 e 1925. Como forma de auxiliar o debate, também demonstrou e analisou o contexto histórico dos períodos das fundações do Atlético Mineiro e do Palestra Itália,⁴ 1908 e 1921, respectivamente. Apesar de relativamente próximas, quais são as características históricas que as diferenciavam, considerando os anos de suas fundações? Qual a história dos primeiros jogos entre Atlético e Palestra possível de ser extraída nos jornais belorizontinos da época? Quais foram os primeiros sinais da ascensão do Palestra Itália como futuro maior rival do Atlético Mineiro?

Para atingir os objetivos, no tocante ao contexto histórico das suas fundações, foram utilizadas, principalmente, referências bibliográficas que abordam os períodos; notadamente, textos científicos; e memorialistas como Pedro Nava e João do Rio. Especificamente, no período dos primeiros jogos entre Atlético Mineiro e Palestra Itália, foram acessados periódicos de Belo Horizonte que noticiaram tais partidas, de 1921 a 1925, acessados na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa, localizada em Belo Horizonte.

Como justificativa para o recorte temporal da pesquisa, 1921 é o ano de fundação do Palestra Itália (aceitando apenas jogadores de origem italiana), e 1925 é o ano em que esse time permitiu a adesão de jogadores de nacionalidade brasileira em seu plantel. Assim, pelas fontes mobilizadas nos primeiros quatro anos, foi possível notar indícios do nascedouro do que seria a maior rivalidade da cidade.

No total, foram encontrados nos jornais *Diário de Minas*, *Diário de Notícias* e *Minas Geraes*, oito jogos entre Atlético Mineiro e Palestra Itália, de

⁴ O Cruzeiro, em função de suas “raízes” italianas, foi fundado como *Societá Sportiva Palestra Italia*, permanecendo assim até 1942, ano em que assumiu a denominação Cruzeiro Esporte Clube, “[...] mudança motivada pela declaração oficial brasileira estabelecendo a Itália como nação inimiga durante a Segunda Grande Guerra Mundial” (ALVES, 2013, p. 17). Desta forma, neste artigo, foi utilizada a alcunha de inspiração itálica da época da pesquisa: *Palestra Itália* ou simplesmente *Palestra*.

1921 a 1925. Apesar de o espaço para o futebol ainda ser pequeno nos jornais, se comparado com outras reportagens, nas pequenas notas e informações coletadas foi possível inferir o panorama das partidas.

Importante frisar, também, que, naquela época, o embate futebolístico mais popular de Belo Horizonte era Atlético Mineiro contra América Mineiro. Contudo, o Palestra, paulatinamente, ultrapassaria o América e formaria com o Atlético o maior clássico local da atualidade. Tal tarefa do Palestra não seria fácil, pois, de 1916 até 1925, o América foi o único campeão de futebol da cidade, exclusivo deca-campeão, feito jamais igualado; prestígio e conquistas que não permaneceria na mesma intensidade. Por fim, a ascendência do Palestra Itália coincidiria com o arrefecimento do América em vitórias e títulos, nesse período, seria pavimentado o maior clássico do futebol mineiro: Atlético X Palestra (ALVES, 2013; ALVES, et al., 2016).

Para análise das informações, considerou-se que os periódicos são fontes adequadas e de valor acadêmico, porque a imprensa observa, elege e narra os fatos que chegam ao público, formando opiniões. Cabe ao historiador, através do seu arcabouço metodológico, analisar o discurso do periodista, problematizando a descrição do acontecimento em função dos objetivos da pesquisa (LUCA, 2008). Enfim, é importante compreendê-la como uma “[...] força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p.257).

Assim, inspirado metodologicamente na exploração indiciária baseada na analogia semiótica indicada por Ginzburg (1989), para as análises e escrita deste artigo, os dados pesquisados foram organizados em função dos objetivos pretendidos. Em seguida, a partir das informações coletadas sobre os jogos entre Atlético Mineiro e Palestra, ponderou-se o fato de a prática do futebol, à época, ainda ser amador, e destacou-se dos jornais as escalações das equipes, os resultados das partidas, os artilheiros e, quando possível, a descrição dos jogos. Por fim, atentando aos detalhes e subsidiado pelos seus contextos históricos, foi possível indiciar a origem da rivalidade entre ambos.

O contexto histórico do Atlético Mineiro

Observando a cronologia fria do calendário, tem-se que o Atlético Mineiro e o Palestra Itália são equipes nascidas no século XX: 1908 e 1921, respectivamente. Entretanto, ao se analisar os contextos históricos dos períodos em que foram fundados, pode ser que haja diferenças substanciais nos 13 anos que os caracterizam e seja possível inferir dois contextos históricos brasileiros singulares, demarcados pelos clubes de Belo Horizonte em questão.

Importante esclarecer que, tais diferenças contextuais históricas não se constituíam num cenário de rupturas sociais abruptas. No início do Século XX, os dois times de futebol deste trabalho, instituía-se igualmente como desdobramentos de um novo ideário moderno, capitaneado pelo desenvolvimento do capitalismo e modernidade europeu. Porém, em virtude de suas características próprias, consideramos importante demonstrar o momento em que surgiram e os fatos históricos que compunham seus cenários.

Para discutir, seria 1901 o ano que melhor simboliza o início do século XX? Que fatos históricos podem ter caracterizado a mudança do século XIX para o XX? Em quais circunstâncias, desportos europeus considerados modernos, como o *foot-ball*, foram assimilados no tropical Brasil? São questões que podem definir 1908 e 1921 como anos significativamente diferentes, principalmente por ter acontecido entre eles a Primeira Grande Guerra Mundial (1914 – 1918), porém, não historicamente dicotômicos, ao considerarmos o Atlético Mineiro e o Palestra Itália.

Caracterizando historicamente a década da fundação do Atlético Mineiro, nota-se que, pouco antes, ainda no Século XIX, a “corrida” para o século XX foi marcada pelo desenvolvimento científico europeu, observado desde o Século XVI até o seu apogeu, em meados de 1870, na chamada Revolução Tecnológica. Ao passo que dominaram com desenvoltura as forças naturais, energia, transportes, comunicações e, principalmente, armamentos, foi criada uma situação privilegiada, que desencadeou uma dominação em dimensões globais “[...] permitindo-lhes impor uma hegemonia apoiada na ideia de uma vocação inata da civilização europeia para o saber, o poder e a acumulação de riquezas” (SEVCENKO, 2006, p.15).

À época, calçados nos ideais de *ordem e progresso*, o mundo era conduzido, às *rédeas* europeias, a um futuro de abundância, racionalidade e harmonia (SEVCENKO, 2006). O Atlético Mineiro – fundado em 1908 – nasceu nesse momento de grande progresso científico, baseado no positivismo, hegemonicamente europeu, e fez parte dos primeiros anos do futebol em Belo Horizonte. A cidade em questão, vivia uma ambígua efervescência durante a sua construção e fundação em 1897, convivendo com a civilidade aristocrata da alta sociedade e a simplicidade de um povo humilde que aqui vinha se instalando pela oportunidade de trabalho (PASSOS, 2016; RODRIGUES, 2016).

Na Europa, no mesmo período em que o Atlético Mineiro se constituía, a corrida armamentista velava um período de relativa tranquilidade. As relações diplomáticas do final do século XIX e início do XX asseguraram uma atmosfera de convivência intitulada *Paz Armada*, constituída de desconfianças mútuas entre as nações, que dificilmente terminaria sem agressões, desembocando na Primeira Grande Guerra.

No cenário europeu, seria o progresso científico capaz de assegurar a paz? Os interesses comerciais não subverteriam as regras de convivência pacífica? Costa e Schwarcz (2007) esclarecem que naquele momento um conflito parecia uma possibilidade esdrúxula em face dos novos avanços técnicos que traziam confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens. Era a fantasia do progresso e das civilidades. “[...] E então, num repente inesperado, veio o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo, o horror engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que ninguém jamais previra (SEVCENKO, 2006, p.16). Por fim, a era de avanços científicos extraordinários culminaria na pior das incivilidades, a Primeira Grande Guerra Mundial, de 1914 a 1918, período que caracteriza o contexto posterior à fundação do Clube Atlético Mineiro e anterior ao Palestra Itália.

No Brasil, a conjuntura política local da segunda metade do Século XIX apresentava-se na transição da Monarquia para República (1889) e sua

economia era basicamente agrária, representada pela monocultura cafeeira paulistana. Segundo Costa e Schwarcz (2007), os ideais democráticos e abolicionistas, proclamados tardiamente em comparação com as outras ex-colônias sul-americanas, fizeram com que a sociedade local sofresse mais com a ambiguidade trazida pelas mudanças. De um lado, a ideia de um país utópico-moderno e progressista e, do outro, uma nação ainda assolada no atraso endêmico. O Brasil dependente economicamente da Inglaterra, monárquico, colonial, escravocrata e agrário sofreria com o progresso civilizatório importado da Europa e implantado “na marra” em algumas cidades, “[...] era hora de reformar cidades, planejar novos inventos, adaptar descobertas; enfim, vestir as diferentes capitais com a nova roupagem que escondia os trópicos e exaltava a modernidade” (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p.128).

Os obstáculos ao futuro promissor eram enormes e contrastavam com a imagem moderna veiculada pelos governos da época: analfabetismo, pobreza, aversão ao trabalho, miscigenação indesejável, doenças, criminalidade, falta de higiene, dependência financeira e instabilidade política e econômica tornariam a tarefa da jovem república brasileira bem complexa.

O fato de o Brasil ter vivido sob os auspícios da Monarquia colonialista e escravocrata da família real portuguesa, pode ter causado o distanciamento dos efeitos benéficos da modernidade e, também, maléficos, como a Primeira Grande Guerra Mundial. E, ainda que a participação brasileira na guerra tenha sido pífia, o acontecimento teve saldo catastrófico para a Europa e, por consequência, impôs prejuízos enormes, principalmente, à economia cafeeira brasileira. Em resumo, a guerra gerou milhões de mortes e uma devastação que gerou reflexos em todo o mundo. Além disso, assistiu-se à ascensão dos Estados Unidos no plano global e ao aparecimento de regimes autoritários em diversas regiões da Europa.

Para o Brasil, a Grande Guerra foi algo longínquo, mas, não menos danosa. O efetivo brasileiro que partiu para o conflito na Europa foi pequeno e participou basicamente da área da saúde, a partir de 1917, e as notícias do *front* chegavam pela imprensa. Neste ponto, objetivando demonstrar como a Guerra, apesar de distante, chegava em Belo Horizonte, cidade sede do Atlético Mineiro, captamos o contexto real na memória de Pedro Nava (1974, p.172), testemunha da guerra de informações nos anos do confronto. Ele, aos 11 anos, conheceu o lado sombrio das “[...] atrocidades alemãs”, que, “massacravam crianças, como Herodes. Matavam mulheres, como Átila. Incendiavam cidades como Nero, degolavam, fuzilavam...”. E conheceu os que, para ele, eram os benfeitores *aliados*, que “[...] iam para a guerra como quem vai a um piquenique. Rindo alto, rindo de braço dado”. A guerra de Nava, aluno numa escola de educação inglesa em Belo Horizonte, era do bem contra o mal, a que ele assistia como uma diversão. O garoto em questão não sabia que a guerra seria um divisor de eras.

Mesmo sem ser destaque no comércio mundial, a pacata vida social brasileira, sobretudo da capital federal, Rio de Janeiro, viveu incremento de novos costumes e hábitos, bancados pela euforia do, ainda inseguro, novo regime de governo e pelo surto industrial do início do Século XX (COSTA e SCHAWARCZ, 2007). Os principais sítios econômicos e decisórios se

estabeleceriam no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Era presumível que suas cidades desenvolvessem primeiramente.

Lentamente o Brasil começava o processo de mudança de país iminentemente rural para urbano. Dessa forma, as ruas das cidades passaram a compor mais intensamente o cotidiano do povo brasileiro. As urbes modernas elegeriam logradouros definidores de suas personalidades, locais de convivência comercial e divertimento. Desde o início do século XX, João do Rio (2007, p.26) já proclamava que “[...] nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas”. Não adianta procurar o conceito ou definição de *rua* em dicionários ou enciclopédias, porque, para João do Rio (2007, p. 15) “[...] a rua é um factor da vida das cidades, a rua tem alma!”. As cidades brasileiras desenvolveriam as suas identidades nas suas ruas modernas e, também, nas vielas lúgubres que não faziam parte do projeto civilizatório.

O Rio de Janeiro, de 1890 até a Primeira Grande Guerra Mundial, se maravilhava com a reurbanização modernista, simbolizada pelo alargamento da Avenida Central, renomeada Rio Branco posteriormente. A capital do Brasil, diriam Costa e Schwarcz (2007, p.28) “[...] parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, além de trazer a sensação de que o país estava em harmonia como o progresso e a civilização mundiais”. O orgulho era notável no seu povo: o artista inquirido por João do Rio (2007, p.72) em 1907 resolveu pintar a Avenida Central na parede do botequim no intento de homenageá-la e torná-la “[...] imorredoura. O advento do nosso progresso estatelava-se ali para todo o sempre” naquela pintura comemorativa, pelo menos até o dia em que o próprio governo determinasse a demolição daquela mesma rua do botequim.

A São Paulo de antes da guerra que já era pujante e em franco crescimento, “[...] tornou-se palco privilegiado para transformações socioeconômicas, urbanísticas, físicas e demográficas” no Brasil (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p. 30), e, por conta disso, sofreu com o passado recente escravista e discriminatório. À época, na *metrópole do café*, como dariam vazão a tanta gente diferente, constituída de negros, brancos, mestiços e estrangeiros instalados em função dela e que no fundo definiria sua identidade? Sevcenko (1992, p. 31) nos leva a pensar deliberando que “[...] essa cidade brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados”. São Paulo cresceria ao ponto de se tornar uma das maiores do planeta, crescimento financiado pela indústria emergente e o agronegócio cafeeiro, tornou-se, segundo Lambert (1976, p. 108), “[...] a locomotiva do novo país, que puxava 19 carros vazios”.

E a novíssima Belo Horizonte, construída para ser a nova capital do importante estado de Minas Gerais, inaugurada em 1897 para substituir a antiga Ouro Preto? Belo Horizonte, pode-se afirmar, cortejou o século XX e não conheceu o Brasil colônia. Em síntese, foi projetada republicana e sem escravos, surgiu em moldes modernos e civilizados (RODRIGUES, 2016). Contudo, é importante destacar que, sobre a implantação de novos hábitos sociais, o processo não era tão simples na nova capital. Enfim, sobre o

cotidiano desta cidade no início do Século XX, que se pretendia moderna, Alves (2020, p.175) diz que, em Belo Horizonte, “[...] se confundiam o velho e o novo, o antigo e o moderno, o provinciano e o cosmopolita”, por fim, numa cidade em formação, “[...] constitui-se um cenário de tensão social, surgido da convivência imposta entre o tradicional e o moderno”.

Para detalhar a Belo Horizonte que se formava, o *Anuario de Minas Geraes*, de 1906, descreve as instituições que a cidade já continha:

[...] imprensa diária, revistas de Direito, arte e letras, serviço de assistência pública e hospitalar, telegrapho, telephones, theatro, clubs, asylos, collegios, sociedades pias e beneficentes, de sport (tiro e corridas), institutos leigos e religiosos, templos catholicos e protestantes, bibliothecas, hotéis, açougues, policiamento, quartéis, prisões etc.⁵

A propaganda oficial do governo do Estado não previu as mazelas que surgiriam junto à cidade, mas expõe o esforço dos políticos em demonstrar somente os elementos progressistas da moderna capital mineira que, em 1906, tinha população de “[...] quasi 20 mil almas”, mas que fora projetada para uma “[...] população de 200 mil habitantes”.⁶

Entretanto, a Belo Horizonte a que nos referimos são duas, ambas do memorialista Pedro Nava. A primeira, do início da cidade e do noviço Atlético Mineiro, Nava (1974) não viveu *in loco*, mas reviveu nas ruas “[...] dos seus mortos” a “urbe poeirenta e pobre de outrora que acabava no Quartel, na Rua Maranhão, na Avenida Paraúna, na Rua Tomé de Sousa, na Rua dos Tupis, na Avenida Paraná, no Mercado, no Arrudas, nos leitos da Central e da Oeste”. “[...] A Avenida Amazonas só tinha quatro quarteirões”.

A segunda Belo Horizonte de Nava (1976), é a do Palestra Itália, de quando “[...] tinha dezessete anos e Belorizonte ao meu (seu) alcance”. Dias de “lembrança submarina dos ficus e dos moços que subiam e desciam a Rua da Bahia”. Na rua cheia de vida de Nava “andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos, acólitos, satélites...”. Da intelectualidade, capitaneada pela figura de Drummond, emergia uma cidade próspera e letrada. Para Nava, “[...] todos os caminhos iam à Rua da Bahia, dela partiam vias para os fundos do fim do mundo, para os tramontes dos acabaminas...”.

O contexto histórico do Palestra Itália

Das cinzas da Primeira Grande Guerra brotou uma nova organização geopolítica mundial. Antigos impérios europeus (Germânico, Turco-otomano e Austro-húngaro), ainda ligados a oligarquias de séculos anteriores, foram reorganizados. Foi um novo momento que daria forma ao século XX, momento de grandes invenções e das metrópoles. O historiador Nicolau Sevcenko (1992, p. 32) observou no pós-guerra a emergência do novo mundo: “[...] seja pela morte, afastamento ou desmoralização dos antigos líderes, uma nova geração

⁵ Anuario de Minas Geraes. Bello Horizonte, 1906, p.132.

⁶ Anuário de Minas Geraes. Bello Horizonte, 1906, p.132.

emergiu: jovens portadores da “ideia nova”, gente vinda do seio do caos metropolitano e formada nele”.

Garcia (2002) pondera que o novo mundo também mexeu com o Brasil. Se antes da guerra a influência inglesa era incontestada, após a guerra isso mudaria. A Inglaterra e os Estados Unidos lutaram juntos contra a Alemanha e expulsaram os interesses dos alemães do Brasil, porém, apesar de vitoriosos, os ingleses viam seu domínio comercial ser sobrepujado e assistiriam à ascensão norte-americana sobre a economia brasileira durante os anos entre guerras.

O estado de São Paulo era o motor econômico do Brasil na transição do século XIX para o XX. E, com o fim da escravidão, era preciso o incremento de uma nova fonte de mão de obra, motivado pela crescente demanda de serviço na agricultura e indústria locais. Aliado a isso, o governo brasileiro tinha a intenção de *branquear* a pele do brasileiro, que à época já havia miscigenado entre brancos europeus, ameríndios e negros africanos. Sendo assim, incentivou-se um movimento de imigração de europeus para o Brasil (LAMBERT, 1976).

Até 1915, imigrantes europeus com destino ao Brasil (2,9 milhões) vieram espontaneamente e subsidiados pelo governo. Com ênfase na cafeicultura, enfrentaram o problema colocado pelo processo de transição do trabalho escravo para o livre (ANDRADE et al, 2007).

Em Minas Gerais, segundo Pereira (2010), além da agricultura, houve incentivos para a imigração atuar na construção da nova capital, Belo Horizonte na última década do Século XIX. Por intermédio de propagandas na Europa, o governo brasileiro difundiu uma imagem do Brasil como terra de oportunidades. De 1888 a 1903, segundo o *Anuario de Minas Geraes*,⁷ o governo do Estado registrou a entrada de 72.788 imigrantes europeus em Minas Gerais, principalmente italianos e espanhóis, sendo que 49.332 chegaram no período de construção da cidade (1893-1897).

Interessa destacar que, dentre os imigrantes que se fixaram na cidade, os italianos formaram a maior parte, e destes, muitos eram profissionais arquitetos, lavradores, paisagistas, empreiteiros, mestres de obras, empreendedores, artistas e comerciantes. Logo se destacariam na indústria e comércio local, trazendo nas suas bagagens a cultura do trabalho. A consolidação da comunidade italiana possibilitaria a fundação de um clube exclusivo, o Palestra Itália em 1921.

Se o Atlético Mineiro surgiu numa Belo Horizonte ainda jovem e em construção identitária, o Palestra Itália nasceu com características bem diferentes. O desenvolvimento dos italianos no comércio⁸ desde a inauguração da cidade pode ter gerado sentimentos repulsivos por parte da tradicional sociedade mineira. Os itálicos já não eram mais os pobres imigrantes que aqui chegaram somente pela crescente demanda de mão de obra deixada pelos escravos. Sua colônia na cidade, ao final dos anos 1910, era exclusiva e organizada. E, na mesma época em que se fortalecia na Itália o movimento

⁷ Anuario de Minas Geraes. Belo Horizonte, 1906, p.71-72.

⁸ “Eram serrarias, marcenarias e carpintarias, fábricas de ladrilhos e marmorarias, fábricas de carros e carroças, tipografias, colchoarias, curtumes, olarias e ferrarias, além de artigos para vestuário, sabão, fundição, caldeirarias funilarias, cervejarias, fábrica de palhas de cigarro e de cigarros” (PEREIRA, 2010, p. 6).

nacionalista, após o fim da Primeira Grande Guerra Mundial, surgiu a *Società Sportiva Palestra Italia*, em 1921; dois anos após o nascimento do partido fascista italiano.

Não foi possível vincular as ideias fascistas com o desenvolvimento da colônia italiana de Belo Horizonte. Entretanto, a ligação do fascismo com o futebol é notória, pois, “durante a era fascista, os capangas de Mussolini⁹ controlavam o futebol italiano” (RAAB, 2014, p. 213), o que nos alerta ao fato de poder ter havido influência fascista, ainda que sutil, nas atividades itálicas, inclusive no futebol de Belo Horizonte.

O Palestra Itália existiu no período entre guerras, 1921 a 1942, num “[...] país de atitude esportiva onde pululavam clubes de futebol”¹⁰ e o povo saía das sombras de suas casas. Na ocasião, alguns acontecimentos de 1918 a 1945 sacudiram o Brasil e o mundo. Especificamente, 1921 é emblemático, pois organiza tudo que em 1922 explodiria em São Paulo. O memorialista Pedro Nava (1976, p.318) se preparava: “[...] alguma coisa havia no ar que ninguém entendia, que a Guerra abafara e que a belicosa paz dos vinte ia fazer explodir...”, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral em São Paulo, Drummond em Belo Horizonte, lideraria “uns poucos moços que iam se conhecer, se compreender, desafiar a cidade, serem nela marginalizados”. A turma modernista da *ditirâmbica* Rua da Bahia tinha o *espírito que se movia sobre Minas* e, por atuarem na imprensa local exerceriam influência na opinião pública, ou seja, incomodariam os moldes hegemônicos de manutenção da sociedade (NAVA, 1976).

O Palestra Itália nasceu num turbilhão político-cultural. E por ser um clube de origem italiana, dificilmente ficaria imune às consequências de cada episódio. Com um ano de idade, assistiu aos participantes da Semana de Arte Moderna em São Paulo e os modernistas mineiros chamarem a atenção para o Brasil, para o interno, para o regional, movimento culminado com o Manifesto Antropofágico de 1928, liderado por Oswald de Andrade,¹¹ onde ele advertia, em 1928, que *a nossa independência ainda não foi proclamada*.

Sobreviveu à crise mundial de 1929, quando a *Grande Depressão* americana abalou o comércio exterior brasileiro e consequentemente a política do *Café com Leite*, sistema de monopólio político que tinha os mineiros e paulistas como protagonistas. Em 1930, testemunharia a implantação do *Estado Novo* liderado por Getúlio Vargas e o aparecimento de novas lideranças políticas (SILVA, 2005).

Os italianos do Palestra, assim como o mundo, acompanhariam o eclodir da Segunda Grande Guerra Mundial em 1939, conflito provocado e liderado pela política expansionista do nazismo alemão e pelo fascismo italiano, representados pelas figuras de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Contudo, mesmo defendendo as cores da nação italiana em seu uniforme (verde, vermelho e branco), os palestrinos assistiriam ao governo brasileiro declarar guerra contra a Itália e a Alemanha em agosto de 1942 (PINHEIRO,

⁹ Benito Mussolini foi o líder fascista italiano que comandou a Itália de 1922 a 1945, impondo um estado totalitário com apelo nacionalista.

¹⁰ A análise de Nicolau Sevcenko (1992) é acerca da chegada dos esportes e divertimentos modernos em São Paulo, porém este movimento é notado em outras regiões do país.

¹¹ O texto Manifesto Antropofágico foi publicado na Revista Antropofagia (ano 1, nº 1) em maio de 1928.

1995), fato que levou à extinção do nome de Sociedade Sportiva Palestra Itália, forçada pela conhecida *Lei da Nacionalização* - Decreto-Lei n. 868, de 18 de novembro de 1938 que atingiu as associações filantrópicas, culturais e esportivas em todo o País (FROSI e MAZO, 2012). Em 1944, a Força Expedicionária Brasileira seguiria rumo à Guerra no continente europeu, combatendo forças alemãs em solo italiano (PINHEIRO, 1995).

Athletico Mineiro X Palestra Italia: os primeiros jogos (1921-1925)

A história dos jogos do *Club Athletico Mineiro* contra a *Società Sportiva Palestra Italia* teve início num período de amadorismo do futebol em Belo Horizonte. Segundo Moura (2010), o futebol foi amador, por estatuto, até 1933. O profissionalismo seria implantado no Brasil, primeiramente no Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Carioca de Futebol. Os paulistas acompanhariam a tendência, e o profissionalismo se difundiria para os estados mais próximos, caso de Minas Gerais.

Em 1921, ano de fundação do Palestra, aconteceu o jogo inaugural e, durante quatro anos, o Palestra dispôs em seu plantel, por força do seu regulamento, somente jogadores de nacionalidade italiana ou descendentes (ALVES, 2013).

Na década de 1920, o futebol já era bem popular em Belo Horizonte. Moura (2010), diz que os indícios encontrados nas fontes que consultou, sobretudo na imprensa da época, lhe permitiram afirmar que o futebol já fazia parte da vida de muitos habitantes da cidade. O já veterano Atlético Mineiro representava grupos elitistas tradicionais, e o Palestra Itália era dos itálicos, uma comunidade em ascensão social. Conjecturamos que a dualidade Atlético (tradicionalismo) *versus* Palestra (exclusividade) trouxe algo diferente para o cenário esportivo da cidade.

No período inicial, em que o Palestra Itália contou somente com jogadores *oriundi*,¹² 1921 – 1925, Palestra e Atlético se enfrentaram oito vezes, sendo o último no dia 20 de setembro de 1925, acontecido num festival em comemoração à data da reunificação da península itálica, fato político de muita importância para os italianos. Tais comemorações distinguiam os *Palestrinos* das outras equipes e demonstrava o prestígio social que os italianos haviam adquirido na dinâmica da cidade (COUTO, 2003; MOURA, 2010; SOUZA NETO, 2010; ALVES, 2013).

Entre os festivais de autoria da diretoria palestrina estão: o de março de 1922 (4^a jogo) em benefício da Santa Casa de Misericórdia da Capital e o festival desportivo em comemoração à data de 20 de setembro italiana, acontecido em 1925 (8^o jogo). Tais atos promocionais podem ter influenciado na consolidação e afirmação identitárias do clube italiano na elite do futebol local e os preparou para ser um dos grêmios mais populares, ao ponto de desafiar a tradição de Atlético e América no campo de jogo.

¹² Imigrantes italianos que aqui desembarcaram à procura de riquezas, oportunidades de trabalho, refúgio político ou ainda motivados pelo sonho do viver igualitário prefigurado nas utopias anarquistas. Como se sabe, vieram eles aos milhares, legiões de imigrantes que se concentraram nas regiões meridionais do país, mão-de-obra para suprir a necessidade de braços, especialmente nas lavouras de café. Estima-se que entre 1875 e 1914 transferiram-se para o Brasil cerca de um milhão e duzentos mil italianos (QUEIROZ, 2000).

Apesar de recém fundado, nesses primeiros oito jogos, notamos vantagem no número de vitórias e gols marcados para o noviço Palestra Itália. Foram três vitórias para o Palestra (15 gols marcados), três empates e duas vitórias do Atlético (11 gols marcados). Ao final deste primeiro período, o Palestra já demonstrara a que veio, enfrentando o Atlético de igual para igual desde o primeiro jogo.

A saber, já no primeiro jogo da história dos dois clubes, encontramos algum interesse da imprensa para o novo encontro futebolístico da cidade. *Atlético X Palestra* não foi ignorado e não passou despercebido. Ainda que timidamente em forma de notas, os jornais *Minas Geraes*, *Diario de Minas* e o *Diario de Noticias* anunciaram em seus expedientes.

Chama a atenção o fato de os primeiros quatro jogos terem sido noticiados pelos jornais, inclusive com escalação das equipes e descrição das partidas. Não foi possível, porém, notar a presença de algum jogador em destaque pelos periódicos.

O *Diario de Minas*,¹³ de 19 de abril de 1921, sobre o 1º jogo, relata o interesse e a curiosidade que ele, precocemente, causou, terminando com a vitória da *novel associação* Palestra Itália contra o veterano Atlético Mineiro. “Essa partida”, dizia o jornal, “cujo resultado despertava o interesse e a curiosidade geraes, terminou com uma brilhante victoria do Palestra pelo score de 3 a 0”. Seria o prelúdio de um encontro movimentado, digno das maiores atenções jornalísticas.

O *Diario de Minas*,¹⁴ sobre o 2º jogo, descreve a partida como a que mais curiosidade e mais animação despertou no dia esportivo e já via a formação, há dias, de certa rivalidade “[...] entre o club da colônia italiana e o tradicional Athletico Mineiro”. Clima criado devido à derrota do Atlético para o Palestra no jogo inaugural, e decretou a transformação dessa importante partida numa das boas assistidas em Belo Horizonte, onde “[...] degladiaram com animação as forças contendoras”.

Aos poucos o jogo Atlético contra Palestra adentrava o gosto do cidadão de Belo Horizonte. O terceiro jogo foi relatado pelo jornal *Diario de Minas*,¹⁵ de 11 de setembro de 1921, como “[...] o jogo mais importante do campeonato” organizado pela liga mineira. O jogo terminou empatado em 1 a 1, mas “foi um match movimentado e cheio de interesse, em que o Palestra e o Athletico souberam por á prova os seus requisitos de technica e treinamento”.

Não houve maiores interesses para este jogo amistoso. O *Diario de Noticias*¹⁶ definiu que “[...] parecia mais um treino do que uma partida de football, pois os “teams” não mostraram technica nem resistencia”.

As partidas de números 05, 06, 07 e 08 (acontecidas de 1922 a 1925), apesar de algumas notas no *Minas Geraes*, não obtiveram destaque. As descrições foram breves e se limitaram a pequenas observações, sem se notabilizarem acontecimentos importantes. Nas fontes de pesquisa consultadas ou mesmo em *sites* esportivos e livros memorialistas do futebol de ambos, não encontramos os relatos, escalações e goleadores desses jogos.

As informações apuradas para estes jogos foram:

¹³ Diário de Minas. Terça-feira, 19 abr. 1921, seção Vida Sportiva, p. 2.

¹⁴ Diário de Minas. Quarta-feira, 18 mai. 1921. Vida Sportiva, p. 2.

¹⁵ Diário de Minas. Terça-feira, 13 set. 1921. Vida Sportiva, p. 3.

¹⁶ Diário de Noticias. Segunda-feira, 13 mar. 1922. Chronica Sportiva, p. 2.

Jogo 05: Campeonato da Cidade, 21/05/1922, Atlético 0 X 1 Palestra.

Jogo 06: Amistoso em 12/11/1922, Atlético 2 X 2 Palestra.

Em pequena nota o *Minas Geraes*¹⁷ do dia 11 de novembro de 1922 avisou, à época, que “[...] às 14 horas medirão forças as esquadras do Palestra e Athletico, para conquista da *Taça Concordia*”, e, na edição do dia 15/11/1922,¹⁸ em breve comentário, noticiou que o “[...] Athletico e o Palestra empataram por 2 X 2”.

Jogo 07: Amistoso em 06/05/1923, Atlético 1 X 1 Palestra.

Esse jogo aconteceu na festa de inauguração do estádio do América F.C. no dia 06 de maio de 1923 e figurou como preliminar do jogo principal entre o América Mineiro e o América do Rio de Janeiro. O *Minas Geraes*¹⁹ cobriu a grande festa americana, que mesmo assim não desprezou a força local de Atlético e Palestra: “[...] a primeira partida do dia feriu-se entre as treinadas equipes do “Athletico Mineiro” e do “Palestra Italia”, os dois valorosos clubs locais”. O jornal relatou um jogo bem movimentado, terminado 1 a 1.

Jogo 08: Em 20/09/1925, Atlético 3 X 5 Palestra.

É possível afirmar que o período italiano do Palestra se encerrou em grande estilo. Para comemorar a “gloriosa ephemeride de XX de setembro de tão grande significação para os italianos”, foi organizado um festival no Estádio do Palestra, onde o evento de maior importância seria um jogo amistoso entre os donos da casa e o Atlético. Esse encontro foi descrito e anunciado pelo *Minas Geraes*²⁰ como “duas valorosas esquadras” em condições de revestir o aludido festival de raro brilhantismo.

Ao final dos primeiros oito jogos, o Palestra dava mostras de se estabelecer entre Atlético e América. Seguramente, entre os bons resultados esportivos contra o Atlético e o prestígio social adquirido pelo clube, a rivalidade que, futuramente, seria a maior e mais popular da cidade estava sendo preparada:

Nos dias de hoje, é praticamente impossível, para o habitante de Belo Horizonte, passar completamente ao largo do clima febril que toma conta da cidade em um dia de clássico entre Atlético e Cruzeiro. Profundamente enraizados na vida social da metrópole e do interior mineiro e possuidores de tradições mundialmente reconhecidas, os dois clubes cultivaram uma das mais acirradas rivalidades do futebol brasileiro (SILVA, p.7).

Segundo os estudos de Alves et al. (2016), a rivalidade entre Atlético Mineiro e Palestra Itália “foi incrementada ao longo dos anos que se seguiram à criação do Palestra”. Assim, os primeiros anos, e seus primeiros jogos, notados nos jornais mobilizados neste trabalho, compõem um cenário histórico que principiou o alcance do protagonismo do embate Atlético Mineiro X Palestra Itália, ainda na primeira metade da década de 1920 em Belo Horizonte.

¹⁷ Minas Geraes. Sábado, 11 nov. 1922. Desportos, p. 6.

¹⁸ Minas Geraes. Quarta-feira, 15 nov. 1922. Desportos, p. 6.

¹⁹ Minas Geraes. 7 e 8 nov. 1923. Desportos, p. 6.

²⁰ Minas Geraes. 18 set. 1925. Desportos, p. 12.

Considerações Finais

O início da história dos jogos entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália é cercado por um mundo ainda se refazendo das cinzas geradas do final da Primeira Grande Guerra Mundial. O Brasil ainda estava sob a *política do Café com Leite* com a eleição do mineiro Artur Bernardes para presidente, em 1922, mas alguns setores da sociedade começavam a se organizar contra essa política, caso dos levantes tenentistas de São Paulo e da Coluna Prestes do Rio Grande do Sul, ambos em 1924. A insatisfação política do período foi demonstrada também nas artes, tendo como palco principal a Semana de Arte Moderna, de 1922, acontecida no Teatro Municipal de São Paulo, refletindo em toda a nação.

Para além dos resultados esportivos, pois não se pode dizer que Atlético e Palestra obtiveram títulos expressivos até 1925, período em que assistiram à hegemonia do América na cidade, podemos indiciar que o Palestra provocou curiosidades, interesses e estranhamentos gerais, se promovendo e envolvendo-se em diversas ações sociais na cidade.

Entretanto, o exclusivismo italiano acabaria. Segundo Couto (2003), o Palestra, com o intuito de se aproximar dos *bons* jogadores brasileiros e de se identificar com o restante da população, em 1925, além de retirar a cláusula do seu estatuto que proibia a participação de outras descendências em seu quadro de atletas, adotou o nome aporuguesado Sociedade Sportiva Palestra Itália.

Chegava ao fim a primeira fase do atual Cruzeiro Esporte Clube, equipe que se estabeleceria futuramente como o maior rival do Atlético Mineiro e sobrepujaria o América em notabilidade e número de torcedores. Cem anos após a primeira partida, o hoje estabelecido “clássico dos clássicos das alterosas mineiras” (ALVES, et al., 2016), teve nos primeiros jogos os indícios que confirmariam tal distinção em 2021.

Referências bibliográficas

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. *Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte*. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. *A Lucta dos Titans: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra*. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Belo Horizonte, a cidade modelar: representações da nova capital das Minas Gerais *Revista Caminhos Da História*, Montes Claros, v. 25, n. 2, p.163-177, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/articloe/view/2841>.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SILVA, Silvio Ricardo da; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. “O clássico dos clássicos”

das alterosas mineiras: a invenção da rivalidade futebolística entre Athletico e Palestra. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 3, p.703-721, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/122938/119336>.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; LADISLAU, Carlos Rogério. Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube como experiência de lazer em bares da cidade de Montes Claros. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 384-390, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v41n4/0101-3289-rbce-41-04-0384.pdf>.

ANDRADE, Cristiana Viegas de; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; BRAGA, Mariângela Porto. Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.27, n.54, p.155-176, 2007.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897 – 1927)*. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 253-270, ago./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.3, p.51-71, 2012.

GARCIA, Eugenio Vargas. Estados Unidos e Grã-Bretanha no Brasil: transição do poder no entreguerras. *Revista Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.41-71, 2002.

GASTALDO, Édison. “O complô das torcidas”: futebol e performance masculina em bares. Porto Alegre, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque, NEGREIROS, Plínio Labriola (Org.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. 9.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

_____. *Chão de Ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ORIGUELA, Milena Avelaneda. *Futebol e cultura: assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba-SP*. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

PASSOS, Daniela. A formação do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte: um estudo de caso à luz de comparações com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. *Mediações*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 332-358, 2016.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Imigração italiana e desenvolvimento em Minas Gerais. In: X Encontro Nacional de História Oral. *Anais...* Recife, 2010.

Disponível em:

https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269892337_ARQUIVO_ABHO2010-ImigracaoitalianaedesenvolvimentoemMinasGerais-LigiaMariaLeitePereira.pdf.

PINHEIRO, Leticia. A entrada do Brasil na segunda guerra mundial. *Revista USP*, São Paulo, n. 26, p.108-119, 1995.

QUEIROZ, Renato da Silva. Siamo tutti oriundi! a presença italiana no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.43, n.1, 2000.

RAAB, Alon K. The Universe is Shaped like a Football: Football and Revolution. *The International Journal of the History of Sport*, Londres, v. 31, n. 7, p. 795-814. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09523367.2014.909964>.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

RODRIGUES, Danielle Uchôa Alonso. *Cidade real e cidade imaginária: a criação de Belo Horizontes (1895-1910)*. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Giselda Brito. *No entre guerra, a situação dos integralistas na implantação do estado novo de Getúlio Vargas*. *Revista Proj. História*, São Paulo, n. 30, p. 229-241, 2005.

SILVA, Luciano Pereira da; ALVES, Rogério Othon Teixeira. *Nem “complexo de vira-latas”, nem “herói genial”: o caso peculiar da imprensa de Montes Claros frente às máximas de Nelson Rodrigues nas Copas de 1958 e 1962*. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v.3, n.2, p.157-177, 2018.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *A construção discursiva da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro*. 2009. Pós-doutorado (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Recebido em 18 de maio de 2020

Aprovado em 04 de julho de 2021